

Serapio Marcano\*

## Migração e trauma: Uma visão a partir da psicanálise e da experiência pessoal

Começamos tentando precisar o conceito geral do termo *migração* para depois ir localizando-o no que corresponde ao campo específico da mente humana. A palavra *migração* provém do latim *migratio* e designa todo deslocamento de indivíduos de um lugar para outro. Não somente os humanos migram, mas também outros animais em busca de condições ambientais mais favoráveis. Um exemplo disso encontramos nas aves, que migram no inverno para zonas quentes. É um dirigir-se a um ambiente mais favorável ou escapar de algo prejudicial. No caso dos humanos, a migração pode ser pensada como uma ação voluntária, e no caso dos animais, como uma ação determinada pela genética. A pergunta que devemos nos fazer é quanto também há de memória genética na migração dos humanos, já que nossa espécie descende de seres que migraram com êxito muitas vezes ao longo do processo evolutivo.

A migração comporta dois fenômenos: o da imigração, que é a chegada dos indivíduos a seu novo destino, e a emigração, que é a saída do território original. São duas faces da mesma moeda, já que sempre que alguém emigra ou vai embora de um lugar, imigrará ou ingressará a outro.

Seu estudo, devido à importância do assunto, pode ser abordado a partir de diversas disciplinas que se centram no ser humano, sua evolução e suas condutas, tais como – entre outras – a história, a antropologia, a sociologia, a economia, a política, a filosofia, a mitologia, a biologia, assim como também as psicologias, a psiquiatria e a psicanálise. A partir da psicanálise encontramos em S. Freud a compreensão de que o ser humano é desde o começo também um ser social, assim como também um ser biológico: nas palavras de Freud (1923/1989): “O ego é, primeiro e acima de tudo, um ego corporal;

\* Asociación Panameña de Psicoanálisis. Sociedad Psicoanalítica de Caracas.

Derrida, J. (1986) *La tarjeta postal: De Sócrates a Freud y más allá*. México: Siglo XXI. (Trabalho original publicado em 1980).

Derrida, J. (1998). *Aporías: Morir-esperarse (en) “los límites de una verdad”*. Barcelona: Paidós. (Trabalho original publicado em 1996).

Di Benedetto, A. (2000). *Zama*. Buenos Aires: Adriana Hidalgo. (Trabalho original publicado em 1956).

Domenech, B., Gallelli, S., Catani, V. (produtores) e Martel, L. (diretora) (2017). *Zama*. Argentina, Brasil: Rei Cine, Bananeira Filmes.

Ferraretto, E. (2015). Il delitto di “stuprum” tra Cinquecento e Seicento: Il caso di Artemisia Gentileschi. *DEP*, 27, 1-22.

Ferrari, L. (2019). *Decir de mujeres: Escritos entre psicoanálisis, política y feminismo*. Buenos Aires: Letra Viva.

Foucault, M. (2010). *¿Qué es un autor?* Buenos Aires: El cuenco de plata. (Trabalho original publicado em 1969).

Freud, S. (1979). La interpretación de los sueños. Em J. L. Etcheverry (trad.), *Obras completas (vol. 5)*. Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1900).

Gámez Salas, J. (2019). Artemisia Gentileschi: Drama, venganza y feminismo en su obra. *Asparkia*, 34, 109-133.

Gentileschi, A. (1612). *Judith decapitando a Holofernes [pintura]*. Nápoles: Museo de Capodimonte.

Gentileschi, A. (1621). *Judith decapitando a Holofernes [pintura]*. Florencia: Galería Uffizi.

Jamis, R. (1998). *Artemisia Gentileschi*. Barcelona: Circe.

Kotkke, L. (17 de julio de 2019 ). Artemisia Gentileschi's Judith slaying Holofernes. *Kottke.org*. Disponível em: <https://kottke.org/19/07/artemisia-gentileschi-judith-slaying-holofernes>

Lacan, J. (1991). *El seminario de Jacques Lacan, libro 7: La ética del psicoanálisis*. Buenos Aires: Paidós. Trabalho original publicado em 1959).

Lacan, J. (2008). El tiempo lógico y un aserto de certidumbre anticipada: Un nuevo sofisma. Em T. Segovia (trad.), *Escritos 1*. Buenos Aires: Siglo XXI. (Trabalho original publicado em 1966).

Lacan, J. (2013). *El seminario de Jacques Lacan, libro 16: De un Otro al otro*. Buenos Aires: Paidós. (Trabalho original publicado em 1968-1969).

León Rolón, C. (8 de julho de 2019). Descubriendo las manos de mujer, las manos de artista de Artemisia Gentileschi. *La Izquierda Diario*. Disponível em: <http://www.laizquierdadiario.com/Descubriendo-las-manos-de-mujer-las-manos-de-artista-de-Artemisia-Gentileschi>

Maffei, R. (2011). Di un tuono e di una evidenza che spira terrore: Artemisia Gentileschi a Firenze, 1612-1621. Em R. Maffei e F. Solinas, *Artemisia Gentileschi: Storia di una passione* (pp. 62-77). Milão: ORE Cultura.

Masotta, O. (1976). *Ensayos lacanianos*. Barcelona: Anagrama.

Miller, G. (director) (2011). *Rendez-vous chez Lacan* [documental]. França: France 3.

Miller, J. A. (2014). *Sutilezas analíticas: Los cursos psicoanalíticos de Jacques-Alain Miller*. Buenos Aires: Paidós.

Museo del Prado (s. f.). Gentileschi, Artemisa. *Museo del Prado*. Disponível em: <https://www.museodelprado.es/aprende/enciclopedia/voz/gentileschi-artemisa/bc35919f-7235-457c-9c8f-fd166574143e>

Pascal, B. (2018). *Pensamientos*. Madrid: Tecnos. (Trabalho original publicado em 1670).

Porge, E. (2007). *Transmitir la clínica psicoanalítica*. Buenos Aires: Nueva Visión.

Sarlo, B. (1995). *Borges, un escritor en las orillas*. Buenos Aires: Ariel.

Sontag, S. (2008) *Al mismo tiempo: Ensayos y conferencias*. Madri: De Bolsillo. (Trabalho original publicado em 2007).

Tendlarz, S. (2014). Prólogo. En J. A. Miller, *Sutilezas analíticas: Los cursos psicoanalíticos de Jacques-Alain Miller*. Buenos Aires: Paidós.

Tortorelli, M. A. (26 de outubro de 2004). *Las fronteras del psicoanálisis*. Trabalho apresentado nas Jornadas Las Fronteras del Psicoanálisis, Asociación Psicoanalítica Argentina, Buenos Aires.

não é simplesmente uma entidade de superfície, mas é, ele próprio, a projeção de uma superfície<sup>1</sup> (p. 27).

A partir de diversas disciplinas, além das propostas teóricas para compreender e explicar esta conduta humana, também surgem propostas de ações metodológicas para abordar este fenômeno ou conduta humana, individual e grupal, em relação aos fenômenos migratórios. A leitura sociopolítica e jurídica deu lugar para ir diferenciando os distintos olhares ou conceitos dos estados migratórios: exiliado, expatriado, refugiado, asilado. Uns voluntários e outros forçados, uns temporários e outros permanentes, cada um deles com consequências diversas sociais e individuais.

A psicanálise também se ocupou de estudar este fenômeno considerando as outras disciplinas, além de sua abordagem mais específica no que concerne aos fenômenos migratórios vividos pelos indivíduos particulares. Quando escutei Leo Rangell dizer em 1970, em seu discurso do Congresso do Copal<sup>2</sup> de Caracas, que a psicanálise deveria se chamar bio-psico-sócio-externa-interna-analítica-sintética, pensei que essa definição incluía tanto a psicanálise interdisciplinar ou aplicada como a psicanálise enquanto ciência específica aplicável aos indivíduos.

A perspectiva psicanalítica específica se centra na busca de conhecimento em relação à verdade sobre si mesmo, em particular sobre o que concerne aos fenômenos emocionais que são suscitados nos fenômenos migratórios. Se consideramos, em um sentido amplo, o fenômeno migratório como a mudança de um lugar a outro ou de um modo de funcionamento a outro, diremos que qualquer mudança implica uma experiência migratória e, portanto, desde o início da vida extrauterina estamos experimentando o encontro com o desconhecido e com tudo o que se mobiliza psiquicamente, corporalmente e na interação com os Outros e nos Outros. Quando digo Outros me refiro ao Outro externo portador de um mandato cultural frente ao advir do novo.

A partir de Freud (1916-1917/1987), sabemos que quando tentamos compreender a conduta humana, temos que levar em conta o que se chamou as séries complementárias, ou seja: o filogenético, que contém toda a história da espécie humana, e o ontogenético, que remete às experiências infantis, configurando ambos os fatores endógenos que produzem as fixações, ao que se soma o que seriam os fatores exógenos, que configuram as situações atuais desencadean-

1. N. do T.: Tradução de J. Salomão. A tradução desta citação corresponde à página 17 de: Freud, S. (1996). O Ego e o Id. Em J. Salomão (trad.), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 19, pp. 5 - 41). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1923.). Versão eletrônica recuperada em <http://conexoesclinicas.com.br/wp-content/uploads/2015/01/freud-sigmund-obras-completas-imago-vol-19-1923-1925.pdf>

2. N. do A.: Comitê Coordenador das Organizações Psicanalíticas da América Latina, hoje Federação Psicanalítica da América Latina (Fepal).

tes das frustrações e suas consequências, que podem ser dolorosas e traumáticas, tudo o que, misturado em diversas proporções de predominância, alternância e simultaneidade, vai desencadear perturbações e sofrimentos nos seres humanos, com suas consequências no mental ou no físico corporal, assim como em suas inter-relações com outros indivíduos e grupos. O conceito de trauma foi definido inicialmente por Freud (1893-1895/1986a) quando disse que o trauma é um excesso de excitação, que não pode ser derivado por via motora nem integrado associativamente. Posteriormente, ampliou o conceito. Em *Moisés e o monoteísmo* (Freud, 1939/1986c), vai reconhecer que parece evidente que as neuroses são consequência de vivências e impressões às que justamente reconhecemos como traumas etiológicos, e que estas vivências seriam “impressões de natureza sexual e agressiva, e, indubitavelmente, também a danos precoces ao ego (mortificações narcísicas)”<sup>3</sup> (p. 71). Freud apontou em sua *Introdução a Psicologia de grupo e a análise do Ego* (1921/1986d) que:

O contraste entre a psicologia individual e a psicologia social ou de grupo, que à primeira vista pode parecer pleno de significação, perde grande parte de sua nitidez quando examinado mais de perto. É verdade que a psicologia individual relaciona-se com o homem tomado individualmente e explora os caminhos pelos quais ele busca encontrar satisfação para seus impulsos instintuais; contudo, apenas raramente e sob certas condições excepcionais, a psicologia individual se acha em posição de desprezar as relações desse indivíduo com os outros. Algo mais está invariavelmente envolvido na vida mental do indivíduo, como um modelo, um objeto, um auxiliar, um oponente, de maneira que, desde o começo, a psicologia individual, nesse sentido ampliado mas inteiramente justificável das palavras, é, ao mesmo tempo, também psicologia social.<sup>4</sup> (p. 67)

Nas aversões e rejeições a estranhos com quem nos relacionamos, podemos discernir a expressão de um amor de si, de um narcisismo que aspira sua auto- conservação e se comporta como se toda divergência em relação a suas realizações individuais implica uma crítica a elas e uma exortação a remodelá-las.

O começo da vida poderia ser assimilado à irrupção desse *Outro* de forma violenta, como um amo a tomar posseção do sujeito e a partir dali inseri-lo na lei da cultura, também chamada Lei do Pai. Seria, metaforicamente, como diz Mirta Goldstein (7 de junho de 2016), o começo da guerra entendida como uma lógica de ação que

3. N. do T.: Tradução de J. Salomão. A tradução desta citação corresponde à página 44 de: Freud, S. (1996). Moisés e o Monoteísmo. Em J. Salomão (trad.), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 23, pp. 34 - 88). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1939.). Versão eletrônica recuperada em <http://conexoesclinicas.com.br/wp-content/uploads/2015/01/freud-sigmund-obras-completas-imago-vol-23-1937-1939.pdf>

4. N. do T.: Tradução de J. Salomão. A tradução desta citação corresponde à página 77 de: Freud, S. (1996). Psicologia de grupo e a análise do Ego. Em J. Salomão (trad.), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 18, pp. 44 - 90). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1921.). Versão eletrônica recuperada em <http://conexoesclinicas.com.br/wp-content/uploads/2015/01/freud-sigmund-obras-completas-imago-vol-18-1920-1922.pdf>

se encontra nos fundamentos da subjetividade. Se imaginamos como o sujeito pode sentir esta presença do *Outro* – o que eventualmente pode ser revelado no processo analítico-, diremos que com um sentimento de terror que vai depender da maneira em que seja exercida essa violência de apoderamento, de apreensão, como também diz Freud em *As pulsões e seus destinos* (1915/1986b). Este apoderamento do sujeito pelo objeto, portador do mandato social, poderia se considerar como o início de uma situação traumática enquanto que o sujeito se sente desprotegido. A força da pulsão de apoderamento que o sujeito desenvolve, que pode estar correlacionada com a força de apoderamento que exerceu o objeto, vão determinar uma luta, que pode ser traduzida em uma guerra intrapsíquica entre o submetimento e a dominação, entre dependência e autonomia, entre inclusão e exclusão. Essa guerra, ou luta, vai ser reeditada em todos aqueles momentos nos quais apareçam novas aprendizagens que ressignificarão todas as experiências traumáticas prévias.

O grande tema continua sendo a violência contra o diferente e a violência do poderoso contra o indefeso ou fraco frente ao poder. Essa violência está desde a fundação da subjetividade. Quando não estão integradas as duas posições, advém, como também diz Mirta Goldstein (7 de junho de 2016),

em tragédia humana quando o ser falante desconhece esse outro que tem sua mesmíssima estrutura subjetiva e então se lança à passagem ao ato da crueldade: a crueza do absurdo quando a repetição do trauma não marcou uma diferença.<sup>5</sup> (par. 22)

É a colocação em cena dos fundamentalismos fanáticos, da xenofobia, do repúdio ao diferente, na raça, na religião, na diferença de gênero. É o momento no qual os oprimidos pela dominação do amo atuam como massa embrutecida exercendo sua violência de modo indiscriminado e sem a capacidade de pensar, nem se pensar como foram constituídos, pois essa proibição também lhes foi imposta, e se a transgredirem, serão objeto da crueldade mais radical; o terror que foi instalado neles é identificado projetivamente naqueles que assumem como diferentes. Segundo Andrés Gautier<sup>6</sup>, isso significa viver nas fronteiras da existência, desenvolvendo mecanismos de defesa que tornam difícil e até impossível o acesso à intimidade, fazendo da subjetividade um espaço truncado.

A partir da psicanálise sabemos que o ódio e a violência destrutiva em forma de agressão só se pode tentar transformar quando nos vínculos intersubjetivos vai se editando uma relação que busca es-tancar as feridas traumáticas da melhor maneira possível para que as

5. N. do T.: Tradução livre.

6. Comunicação pessoal durante o Congresso da Fepal, 2016, Cartagena.

frustrações que tiveram e continuam tendo essa qualidade traumática, e deram origem ao terror inicial e ao subsequente ódio, se tornem toleráveis e cedam lugar à integração das diferenças com predominância do amor que neutraliza e amalgama o ódio. Sabemos também que caso se consiga um estado semelhante no mundo interior e exterior, o mesmo nunca será estável, sempre haverá tensões que podem desembocar em novas guerras, e a intimidade pode se ver ameaçada.

Mas esse amo estrangeiro nos constituiu como sujeitos sujeitados e nos instaurou a proibição de saber de sua ação constituinte. Sair de sua dominação e aceder a um território mental novo que implique conhecimento de nossa constituição é também semelhante a migrar, e isso implica o equivalente a uma guerra. As ansiedades que se geram se refletirão, caso não sejam elaboradas suficientemente, em perturbações e conflitos que incluem o sentimento de culpa de tipo persecutório, expressos seja a nível mental ou corporal.

Pessoalmente, posso dar um exemplo de meus próprios processos migratórios e das lutas que sustentei para ter acesso a esse Outro novo. O desconhecido era equivalente a ser estrangeiro de mim mesmo. Não conhecia as angústias e o trauma que implicou a separação de meu lar familiar quando no começo de minha adolescência emigrei de meu povoado natal para a cidade grande para estudar porque não havia ensino médio no lugar onde vivia, e minha dor pela separação não foi expressa como tristeza e pranto, mas sim por repetidas gripes. Estando interno no colégio, me vi dentro e fora do mesmo, com atitudes hostis e agressivas, que também tive que enfrentar com respostas agressivas para poder subsistir. Nesse ir e vir, descobri a psicanálise através de leituras, no livro de Karen Horney, *A personalidade neurótica de nosso tempo* (1937/1945), que marcou a curiosidade pelo funcionamento de minha mente, que logo se complementou com os ensinamentos do sábio professor de patologia médica sobre a inter-relação mente-corpo. Tê-lo escutado me fez compreender que minhas repetidas gripes significavam que eu tinha estado chorando pelas vias não naturais do choro. Mais adiante, começando a universidade e sendo parte do Teatro Universitário, também não tive a capacidade emocional de viajar ao estrangeiro quando se fez uma turnê de apresentação pela Europa. Era a reedição da situação traumática de separação da terra bem conhecida ou da Mãe Pátria.

Ali já estava decidida minha inclinação para buscar emigrar dos territórios mentais e de condutas que me eram insatisfatórios para outros possíveis, até que encontrei minha vocação pela psicanálise no começo de minha formação como psiquiatra, quando se abriu o primeiro curso de psiquiatria dinâmica na Venezuela, e depois o primeiro curso de psicanálise, para o qual fui escolhido por psicanalistas que vieram do exterior para nos selecionar, entre eles alguns mexicanos. A última migração geográfica foi diferente. Quando há cinco anos emigrei para o Panamá, depois de uma luta interna e ex-

terna junto àquela que era então minha esposa, e que desejava emigrar para estar com nosso filho, emigrado alguns anos antes, e para poder conviver com a neta recém-chegada ao mundo. Nessa ocasião, quando me despedia da Sociedad Psicoanalítica de Caracas – depois de ter feito todos os trâmites necessários para preparar a mudança material, afetiva e institucional para um ambiente novo, tanto profissional como relacional–, em lugar de chorar pelas vias não naturais de chorar, pude me despedir dos colegas e amigos, e chorar sem rodeios. Quando minha esposa me sugeriu que era suficiente, lhe disse que me deixasse chorar tudo o que me cabia. Emigrei porque se tornava muito complexo exercer o ofício de psicanalista, devido ao impacto da realidade sociopolítica que tornava, e ainda torna, muito difícil convidar a pensar a inter-relação com a realidade psíquica e distinguir esse discurso consciente da resistência.

Frente a esse contexto frustrante foi pensada nossa proposta de migração para outro âmbito geográfico e sociopolítico onde pudéssemos nos sentir menos tomados emocionalmente, da mesma forma que nossos analisantes, e que nosso exercício psicanalítico se fizesse mais prazenteiro e gratificante. Conversei com colegas sobre como se sentem exercendo, atualmente, o ofício de psicanalista em um país como a Venezuela, no qual continua imperando um Estado ditatorial que tolhe todas as liberdades. Eleas sustentam que continua sendo muito difícil sentir-se livre para explorar o mundo interno quando é tão onipresente a realidade externa e a necessidade de subsistência. Como mantenho contato com a Sociedad Psicoanalítica de Caracas e com colegas da Asociación Venezolana de Psicoanálisis, da mesma forma que com familiares e colegas que permanecem na Venezuela, posso ter informação de que a situação se tornou mais difícil pois, devido à crise econômica e ao empobrecimento em que se encontra o país, aumenta a perda de qualidade de vida e em diversas circunstâncias também a angústia de perder a vida mesma. Pergunto-me: o quanto se expressa pela permanência uma conduta autoplástica adaptativa frente à impossibilidade de realizar ações aloplásticas? A porcentagem de membros emigrados das instituições psicanalíticas é muito elevada, o que afeta também o funcionamento institucional e docente. Ainda assim, os colegas que permanecem mantêm vivo o compromisso institucional psicanalítico e sua função de ensino.

Mas, antes de chegar a minha condição atual em relação com as migrações, tive que viver em uma experiência analítica pessoal o que implica emigrar dos modos ou territórios mentais e de conduta estabelecidos no inconsciente, dos quais temos pouco conhecimento, para outros territórios desconhecidos. É uma guerra que nunca termina, se aceitamos que é para uma melhor qualidade de vida e uma maior integração de nossa mente com todas suas estruturas. Para isso, é preciso enfrentar os lutos presentes, assim como os passados

que se ativam de novo com as atuais migrações e durante os quais se transita por períodos de desintegração em busca de uma integração nova. Os Grinberg expressam, em seu livro *Migração e exílio estudo psicanalítico* (1982) que ao

chegar ao “novo mundo”, diferente do conhecido, puderam encontrar fortes obstáculos internos para sua integração ao meio, a aprendizagem do idioma, a incorporação de costumes e normas etc., pelo perigo de caírem em uma confusão que lhes dificulta a comunicação consigo mesmo e com os demais.<sup>7</sup>(p. 8)

Diferentemente dos muros que separavam nossos sistemas e estruturas mentais, as fronteiras entre o desconhecido e o novo por conhecer se fazem mais porosas e diminuem progressivamente as ansiedades persecutórias frente ao desconhecido, e, em consequência, também diminui o sofrimento. Em uma conversa com um colega que emigrou a outro continente geográfico, quando lhe perguntei como se sentia em seu processo migratório, me respondeu: “Nós já estamos mais integrados, ainda que muito saudosos da Venezuela”. Também esses lutos vão acompanhados do reencontro com situações traumáticas que são particulares para cada indivíduo de acordo com as experiências de seu passado infantil, com suas respectivas perdas objetais e separações, que terão sido favoráveis ou não, dependendo de que os objetos e o ambiente tenham sido suficientemente contínuos para as ansiedades que se fazem presentes durante as mesmas.

Outro aspecto importante do luto pela migração é que, diferentemente do luto pela perda da morte de um familiar próximo, é um luto múltiplo, que inclui, como aponta Joseba Achotegui (2009), os seguintes:

- A família e os amigos.
- A língua.
- A cultura: costumes, religião, valores.
- A terra: paisagem, cores, cheiros, luminosidade...
- O status social: papéis, trabalho, moradia, possibilidades de ascensão social.
- O contato com o grupo étnico: preconceitos, xenofobia, racismo.
- Os riscos para a integridade física: viagens perigosas, risco de expulsão, desamparo.

Diversos autores mostraram que a migração pode produzir, principalmente se houve diversas migrações na infância e na adolescência, a instalação do sentimento de falha de identidade estreitamente relacionado com as falhas de suprimento afetivo nos vínculos com os objetos primários significativos. Em um recente seminário web

7. N. do T.: Tradução livre.

da Associação Psicanalítica Internacional (IPA, por suas siglas em inglês) sobre refugiados e migração, escutamos Adriana Prengler (30 de setembro de 2019) dizer:

A emigração é um processo complexo que implica a perda de lugar, de história pessoal, de sentimentos de identidade e pertencimento, de cultura, de linguagem, da vida cotidiana. É um desenraizamento de nossa terra, de nossos seres queridos, nossa família e amigos, de nosso trabalho. Muitas vezes deixa profundas feridas psíquicas e cicatrizes que permanecem por toda a vida. De todos estes aspectos, talvez um dos mais difíceis seja a perda de identidade. Existe a sensação de que já não se é a mesma pessoa que aquela que deixou o lugar de origem. Ao imigrar nos convertemos em um estranho, não só para os demais, mas para nós mesmos, já que não nos reconhecemos da mesma forma no novo lugar.

Mas também a migração daquele que parte impacta afetivamente quem fica, que pode depositar, por meio do mecanismo da identificação projetiva, diversos sentimentos, entre eles a satisfação de que o outro vá embora e assim ficar sem este rival, mas também pode utilizar diversas defesas para negar a dor e a perda, entre elas, as defesas maníacas, assim como também pode se sentir traído pelos que partem e reagir com raiva e defesas paranoides. Outra face do fenômeno migratório é aquela que se dá naqueles que recebem os imigrantes. Estes habitantes das comunidades estabelecidas sofrem o impacto do “outro”, “desconhecido”, “novo” e “estranho”, e o vivenciam como uma ameaça ao que está estruturado de forma estável no grupo receptor. Marianne Bohleber (30 de setembro de 2019) disse, no seminário web sobre refugiados e migração, que

o estranho, como folha em branco, é particularmente adequado para atrair as projeções dos próprios desejos, conflitos e impulsos tabus: proibidos no próprio inconsciente, estes se projetam sobre o estranho e depois, no sentido de uma identificação projetiva, lutam com o estranho a partir de dentro de si mesmo.

Mais adiante, acrescenta:

na xenofobia e na violência contra os migrantes e refugiados, tais sistemas de fantasias inconscientes arcaicas e generalizadas se ativam. O estrangeiro evoca o fantasma da pureza, uma fantasia narcisista de fusão com o objeto primário [*Verschmelzungsphantasie*] que sempre traz sentimentos e pensamentos nacionalistas. Segundo esse fantasma, o estrangeiro – por sua presença – contamina o idílio puro da pátria, o pai ou a pátria, a Nação. Outra fantasia arcaica se baseia na rivalidade e na inveja dos irmãos: o estrangeiro é experimentado como um intruso voraz que lhe retira empregos, prosperidade e bem-estar social... O próprio fracasso de alguém, a perda de emprego, a pobreza e toda a miséria pessoal se atribui inconscientemente ao outro, ou seja, o estrangeiro.

Isso depende do que se mobiliza no intrapsíquico ou intrasubjetivo, também no aspecto individual, como mostramos anteriormente, até o interpessoal, reeditando-se as ansiedades denominadas por

Bion (1962) de mudança catastrófica, como força potencialmente disruptiva, que, se for elaborada – e assim diminuem as ansiedades persecutórias mútuas –, pode conduzir às transformações e evoluções mútuas; caso contrário, o resultado pode ser uma catástrofe. A forma como se administre este advir a partir de ambas partes poderá facilitar a integração ao baixar a intensidade das ansiedades persecutórias e de perdas ou, ao contrário, gerar agressão e ataques nos indivíduos, tanto psíquicas como físicas, assim como nos grupos. As instituições psicanalíticas e seus membros não estão isentos de se ver envolvidas nesses processos. Eu os convido a que pensem quais foram nossas próprias vivências.

## Resumo

Começamos definindo o conceito de migração nos seres vivos e o que se busca ao migrar. Passamos então a propor que o ser humano é desde o começo da vida um ser social, tal como propôs Freud. Mostramos que o fenômeno migratório pode ser estudado a partir de diversas disciplinas, assim como há diversas abordagens metodológicas para tratar com o mesmo; a psicanálise é uma delas, particularmente para compreender e acompanhar e elaborar os diversos níveis traumáticos inerentes às migrações individuais e grupais dos seres humanos. Todo encontro com o novo tem um potencial traumático por estar em relação com a presença do *Outro*, diferente, que se encontra ao atravessar a fronteira para um mundo emocional e relacional novo e desconhecido, com suas conseqüentes frustrações. Este atravessamento implica vivenciar os diferentes lutos, com seus correspondentes modos de processá-los. A forma como se exerce a administração das ansiedades dos que emigram e dos que recebem aquele que imigra, esse *Outro*, pode ir desde uma violência que cuida e organiza até uma agressão desorganizante. O resultado desta desorganização pode se expressar nas diversas áreas da conduta humana, ou seja, no corpo, na mente ou no espaço social. Isso também se reflete no exercício da psicanálise e em suas instituições. Nessa breve reflexão teórica sobre o fenômeno migratório, exemplifico o exposto, por meio de minha própria experiência pessoal.

**Palavras-chave:** *Migração, Trauma, Luto, Outro. Candidata a palavra-chave: Fronteira.*

## Abstract

We begin by defining the concept of migration and what is sought by migrating. We then go on to state that human beings are, from the beginning of life, social s, as Freud put it. We point out that the migratory phenomenon can be studied from different disciplines, just as there are different methodological approaches to deal with it; psy-

Valeria Corbella\*

## O reconhecimento do sujeito: Debates pós-modernos para uma psicanálise de fronteiras

### Introdução

O homem do século XXI está sujeito a grandes dilemas de difícil resolução; difícil devido à complexidade dos mesmos, mas apesar dela, lhe está demandado encontrar alguma solução possível. A complexidade que hoje em dia se apresenta à humanidade inteira é matéria já sabida e frisa a ideia de um homem multideterminado em permanente conectividade consigo mesmo e com seus semelhantes. A importância dessas noções gerais permite um aprofundamento na contemporaneidade da psicanálise. A inclusão da intersubjetividade facilitou a ampliação das fronteiras originárias com a finalidade de poder compreender novos fenômenos mentais.

No ensaio que segue, serão percorridos terrenos de intersecção entre diferentes formas de conhecer o objeto da psicanálise. Ao ampliar sua territorialidade em direção a zonas de convergência interdisciplinar, reflete-se sobre o status epistemológico desta disciplina. O pensamento complexo penetra com suas teorizações sobre a recursividade e facilita uma compreensão dialética do vínculo entre o sujeito e o objeto. O surgimento dessas ideias foi uma das principais bases para uma psicanálise contemporânea que também acabou por estender seus limites. Em seu devir, ela mesma, a psicanálise, foi absorvida por diferentes regiões e culturas, transformando-se em produções mestiças. Esta é a essência da psicanálise latino-americana contemporânea; o encontro entre o estrangeiro e o autóctone oferece um modelo característico de uma região que compartilha fatos fundantes em suas histórias.

A constituição subjetiva tem suas marcas de época e de região. Neste texto, é pensada a partir de três espaços que incorporam dife-

choanalysis is one of them, in particular to understand and accompany to elaborate the various traumatic levels that are inherent to the individual and group migrations of human beings. Every encounter with the new has a traumatic potential for being in relation to the presence of the *Other* different from the one found after crossing the border into an unknown emotional and relational world with the consequent frustrations. Such crossing entails experiencing the different mourning processes with their corresponding ways of processing them. The administration of the anxieties of those who emigrate and those who receive the immigrant can range from a violence that takes care of and organizes to a disorganizing aggression. The result of such disorganization can be expressed in the various areas where human behavior unfolds: in the body, the mind or in the social. I illustrate, through some vignettes of my own personal experience, what is stated in this brief theoretical reflection.

**Keywords:** *Migration, Trauma, Mourning, Other. Candidate to keyword: Border.*

### Referências

- Achotegui, J. (2009). Migración y salud mental: El síndrome del inmigrante con estrés crónico y múltiple (síndrome de Ulises). *Zerbitzuan*, 46, 163-171.
- Bion, W. R. (1966). *Attention and interpretation*. Londres: Karnak.
- Bohleber, M. [International Psychoanalytical Association] (30 de setembro de 2019). *Refugees and immigrants: How can psychoanalysis contribute?* [arquivo de vídeo, seminário web]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=OyeFk4236AE>
- Freud, S. (1986a). Estudios sobre la histeria. Em J. L. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 2). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1893-1895).
- Freud, S. (1986b). Las pulsiones y sus destinos. Em J. L. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 14). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1915).
- Freud, S. (1986c). Moisés y la religión monoteísta. Em J. L. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 23). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1939).
- Freud, S. (1986d). Psicología de las masas y análisis del yo. Em J. L. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 18). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1921).
- Freud, S. (1987). 22ª conferencia. Algunas perspectivas sobre el desarrollo y la regresión. Etiología. Em J. L. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 16). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1916-1917).
- Freud, S. (1989). El yo y el ello. Em J. L. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 19). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1923).
- Goldstein, M. (2006). El exilio subjetivo de las experiencias migratorias. Em M Goldstein, *Erótica de la crueldad* (pp. 45-49). Buenos Aires: Lugar.
- Goldstein, M. (7 de junio de 2016). ¿Por qué la paz? Relectura del texto freudiano. Mesa sobre Trauma y lazo social, Asociación Psicoanalítica Argentina, Buenos Aires. Disponível em: <https://www.elsigma.com/columnas/por-que-la-paz-relectura-del-texto-freudiano/13096>
- Grinberg, L. y Grinberg, R. (1982). *Psicoanálisis de la migración y del exilio*. Madri: Alianza.
- Horney, K. (1945). *La personalidad neurótica de nuestro tiempo*. Buenos Aires: Paidós. (Trabalho original publicado em 1937).
- Prengrer, A. [International Psychoanalytical Association] (30 de setembro de 2019). *Refugees and immigrants: How can psychoanalysis contribute?* [arquivo de vídeo, seminário web]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=OyeFk4236AE>

\* Asociación Psicoanalítica Argentina.